



# A Santa Sé

---

## PAPA BENTO XVI **AUDIÊNCIA GERAL**

*Sala Paulo VI*

*Quarta-feira, 1º de Fevereiro de 2012*

[[Vídeo](#)]

*Queridos irmãos e irmãs,*

Hoje gostaria de falar sobre a oração de Jesus no Getsémani, no Jardim das Oliveiras. O cenário da narração evangélica desta prece é particularmente significativo. Jesus dirige-se para o Monte das Oliveiras, depois da Última Ceia, enquanto está a rezar com os seus discípulos. O evangelista Marcos narra: «Depois de terem entoado o hino, saíram para o Monte das Oliveiras» (14, 26). Alude-se, provavelmente, ao canto de alguns Salmos do *hallél* com os quais se dá graças a Deus pela libertação do povo da escravidão e se pede a sua ajuda para as dificuldades e as ameaças sempre novas do presente. O percurso até ao Getsémani está constelado de expressões de Jesus, que fazem sentir incumbente o seu destino de morte e anunciam a dispersão iminente dos discípulos.

Tendo chegado ao horto no Monte das Oliveiras, também naquela noite Jesus se prepara para a oração pessoal. Mas desta vez acontece algo de novo: parece que Ele não quer permanecer só. Muitas vezes Jesus afastava-se da multidão e dos próprios discípulos, permanecendo «em lugares desertos» (cf. *Mc* 1, 35) ou subindo «ao monte», diz são Marcos (cf. *Mc* 6, 46). No Getsémani, contudo, ele convida Pedro, Tiago e João, para que fiquem com ele. São os discípulos que Ele chamou para estar com Ele no Monte da Transfiguração (cf. *Mc* 9, 2-13). Esta proximidade dos três durante a oração no Getsémani é significativa. Também naquela noite Jesus rezará ao Pai «sozinho», porque a sua relação com Ele é totalmente única e singular: é a relação do Filho Unigénito. Aliás, dir-se-ia sobretudo que naquela noite ninguém possa aproximar-se verdadeiramente do Filho, que se apresenta ao Pai na sua identidade absolutamente única,

exclusiva. Mas Jesus, mesmo chegando «sozinho» ao ponto onde se deterá para rezar, deseja que pelo menos três discípulos permaneçam não distantes, numa relação mais íntima com Ele. Trata-se de uma proximidade espacial, de um pedido de solidariedade no momento em que sente aproximar-se a morte, mas é principalmente uma proximidade na oração, para expressar de algum modo a sintonia com Ele, no momento em que se prepara para cumprir até ao fim a vontade do Pai, e é um convite a cada discípulo, a segui-lo no caminho da Cruz. O evangelista Marcos narra: «Levou consigo Pedro, Tiago e João; e começou a sentir pavor e a angustiar-se. E disse-lhes: “*A minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e vigiai*”» (14, 33-34).

Na palavra que dirige aos três, mais uma vez Jesus se expressa com a linguagem dos Salmos: «*A minha alma está triste*», uma expressão do Salmo 43 (cf. v. 5). Depois, a dura determinação, «mortal», evoca uma situação vivida por muitos dos enviados de Deus no Antigo Testamento e expressa na sua oração. Com efeito, seguir a missão que lhes é confiada não raro significa encontrar hostilidade, rejeição e perseguição. Moisés sente de modo dramático a prova que padece enquanto guia o povo no deserto, e diz a Deus: «Eu sozinho não posso suportar todo esse povo; ele é pesado demais para mim. Em vez de me tratar assim, rogo-vos que antes me façais morrer, se achei agrado aos vossos olhos» (*Nm* 11, 14-15). Também para o profeta Elias não é fácil dar continuidade ao serviço a Deus e aos seu povo. No primeiro Livro dos Reis, narra-se: «Ele andou pelo deserto um dia de caminho. Sentou-se debaixo de um junípero e desejou a morte: “Basta, Senhor, disse ele; tirai-me a vida, porque não sou melhor do que meus pais”» (19, 4).

As palavras de Jesus aos três discípulos que Ele quer próximos durante a oração no Getsémani revelam como Ele sente pavor e angústia naquela «Hora», como experimenta a última e profunda solidão precisamente enquanto o desígnio de Deus se está a realizar. E em tal pavor e angústia de Jesus está recapitulado todo o horror do homem diante da própria morte, a certeza da sua inexorabilidade e a percepção do peso do mal que ameaça a nossa vida.

Depois do convite a permanecer e a vigiar em oração, feito aos três, Jesus dirige-se «sozinho» ao Pai. O evangelista Marcos narra que Ele «adiantando-se alguns passos, prostrou-se com a face por terra e orava que, se fosse possível, afastasse dele aquele cálice» (14, 35). Jesus prostrou-se com a face por terra: é uma posição da oração que exprime a obediência à vontade do Pai, o abandonar-se com plena confiança nele. É um gesto que se repete no início da Celebração da Paixão, na Sexta-Feira Santa, assim como na profissão monástica e nas Ordenações diaconal, presbiteral e episcopal, para expressar na oração, inclusive corporalmente, o confiar-se completo a Deus, o confiar nele. Depois, Jesus pede ao Pai que, se fosse possível, afastasse dele aquele cálice. Não é só o pavor e a angústia do homem diante da morte, mas é o transtorno do Filho de Deus, que vê a massa terrível do mal, que Ele deverá assumir sobre Si para o superar, para o privar do poder.

Caros amigos, também nós na oração temos que ser capazes de apresentar a Deus as nossas

dificuldades, o sofrimento de certas situações, de determinados dias, o compromisso quotidiano de O seguir, de ser cristãos, e também o peso do mal que vemos em nós e ao nosso redor, para que Ele nos infunda esperança, nos faça sentir a sua proximidade, nos conceda um pouco de luz no caminho da vida.

Jesus continua a sua prece: «*Abbá!* Pai! Tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Contudo, não se faça o que Eu quero, mas sim o que Tu queres» (Mc 14, 36). Esta invocação contém três passagens reveladoras. No início temos a duplicação do termo com que Jesus se dirige a Deus: «*Abbá!* Pai!» (Mc 14, 36a). Sabemos bem que a palavra aramaica *Abbá* era utilizada pelo filho para se dirigir ao pai, e portanto exprime a relação de Jesus com Deus Pai, uma relação de ternura, de confiança e de abandono. Na parte central da invocação há o segundo elemento: a consciência da onnipotência do Pai — «tudo te é possível» — que introduz um pedido no qual, mais uma vez, aparece o drama da vontade humana de Jesus perante a morte e o mal: «Afasta de mim este cálice!». Mas há uma terceira expressão da prece de Jesus, que é decisiva, na qual a vontade humana adere plenamente à vontade divina. Com efeito, Jesus conclui dizendo com vigor: «Contudo, não se faça o que Eu quero, mas sim o que Tu queres» (Mc 14, 36c). Na unidade da pessoa divina do Filho, a vontade humana encontra a sua plena realização no abandono total do Eu ao Tu do Pai, chamado *Abbá*. São Máximo, o Confessor, afirma que desde o momento da criação do homem e da mulher, a vontade humana está orientada para a divina, e é precisamente no «sim» a Deus que a vontade humana é plenamente livre e encontra a sua realização. Infelizmente, por causa do pecado, este «sim» a Deus transformou-se em oposição: Adão e Eva pensavam que o «não» a Deus fosse o ápice da liberdade, o ser plenamente eles mesmos. No Monte das oliveiras, Jesus restitui a vontade humana ao «sim» completo a Deus; nele a vontade natural está plenamente integrada na orientação que lhe confere a Pessoa Divina. Jesus vive a sua existência segundo o centro da sua Pessoa: o seu ser Filho de Deus. A sua vontade humana é atraída para dentro do Eu do Filho, que se abandona totalmente ao Pai. Assim Jesus diz-nos que só conformando a própria vontade com a divina, o ser humano alcança a sua verdadeira altura, tornando-se «divino»; só saindo de si mesmo, só no «sim» a Deus, se realiza o desejo de Adão, de todos nós, de sermos completamente livres. É isto que Jesus realiza no Getsémani: transferindo a vontade humana para a vontade divina nasce o homem verdadeiro, e nós somos remidos.

O *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* ensina sinteticamente: «A oração de Jesus durante a agonia no Jardim do Getsémani e nas últimas palavras sobre a cruz revelam a profundidade da sua oração filial: Jesus conduz à sua realização o desígnio de amor do Pai e toma sobre si todas as angústias da humanidade, todas as interrogações e intercessões da história da salvação. Ele apresenta-as ao Pai que as acolhe e escuta, para além de toda a esperança, ressuscitando-O dos mortos» (n. 543). Verdadeiramente, «em nenhuma outra parte da Sagrada Escritura olhamos tão profundamente para dentro do mistério interior de Jesus, como na oração no Monte das Oliveiras» (*Jesus de Nazaré* II, 177).

Estimados irmãos e irmãs, cada dia na oração do Pai-Nosso nós pedimos ao Senhor: «Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu» (Mt 6, 10). Isto é, reconhecemos que há uma vontade de Deus conosco e para nós, uma vontade de Deus sobre a nossa vida, que deve tornar-se cada dia mais a referência da nossa vontade e do nosso ser; além disso, reconhecemos que é no «céu» que se cumpre a vontade de Deus, e que a «terra» só se torna «céu», lugar da presença do amor, da bondade, da verdade e da beleza divina, se nela se cumprir a vontade de Deus. Na prece de Jesus ao Pai, naquela noite terrível e admirável do Getsémani, a «terra» tornou-se «céu»; a «terra» da sua vontade humana, abalada pelo pavor e pela angústia, foi assumida pela sua vontade divina, de maneira que a vontade de Deus se cumpriu sobre a terra. E isto é importante inclusive na nossa oração: devemos aprender a confiar-nos mais à Providência divina, pedir a Deus a força para sairmos de nós mesmos e renovarmos o nosso «sim», para lhe repetirmos: «Seja feita a vossa vontade», para conformarmos a nossa vontade com a sua. Trata-se de uma prece que devemos recitar quotidianamente, porque nem sempre é fácil confiar-nos à vontade de Deus, repetir o «sim» de Jesus, o «sim» de Maria. As narrações evangélicas do Getsémani demonstram dolorosamente que os três discípulos, escolhidos por Jesus para estar ao seu lado, não foram capazes de vigiar com Ele, de compartilhar a sua oração, a sua adesão ao Pai, e foram dominados pelo sono. Caros amigos, peçamos ao Senhor para sermos capazes de vigiar com Ele em oração, de cumprirmos a vontade de Deus todos os dias, mesmo quando se fala de Cruz, de viver uma intimidade cada vez maior com o Senhor, para trazer a esta «terra» um pouco do «céu» de Deus. Obrigado!

---

## Saudação

Amados peregrinos de língua portuguesa, a todos dou as boas-vindas, pedindo a Deus que vos encha de esperança e conceda a luz para descobrir a sua vontade sobre a vossa vida e fazer dela o ponto de referência diário do vosso querer e do vosso ser. E que as suas Bênçãos sempre vos acompanhem. Ide em paz!

© Copyright 2012 - Libreria Editrice Vaticana